

O Livro de Daniel - Número cento e sessenta e três

Desvendando a Profecia: Explorando o Capítulo Onze de Daniel

Jeff Pippenger

2024-03-28

Vamos agora começar a percorrer o capítulo onze de Daniel.

Também eu, no primeiro ano de Dario, o Medo, eu mesmo me levantei para o confirmar e fortalecê-lo. E agora te mostrarei a verdade. Eis que ainda se levantarão três reis na Pérsia; e o quarto será muito mais rico do que todos eles; e pela sua força, por meio de suas riquezas, incitará todos contra o reino da Grécia. E se levantará um rei poderoso, que reinará com grande domínio e fará conforme a sua vontade. E, quando se levantar, o seu reino será quebrado e será dividido para os quatro ventos do céu; não para a sua posteridade, nem segundo o domínio com que governou; pois o seu reino será arrancado, e será para outros, além destes. Daniel 11:1-4.

Gabriel começa informando a Daniel que ele também trabalhou com Dário em seu primeiro ano, que é o ano em que o sobrinho de Dário, seu general, tomou Babilônia e matou Belsazar. Daniel está recebendo esta visão no terceiro ano de Ciro, de acordo com o primeiro versículo do capítulo dez, portanto Gabriel está marcando tanto Dário quanto Ciro como os símbolos que representam o "tempo do fim". Belsazar e Babilônia foram tomados pelo Império Medo-Persa no ano 538 a.C.

“Ciro sitiou Babilônia, que tomou por estratagem em 538 a.C., e, com a morte de Belsazar, a quem os persas mataram, o reino de Babilônia deixou de existir.” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 46.

No ano de 538 a.C., Daniel registrou o capítulo nove.

“A visão registrada no capítulo precedente [capítulo oito] foi dada no terceiro ano de Belsazar, 538 a.C. No mesmo ano, que também foi o primeiro de Dario, ocorreram os acontecimentos narrados neste capítulo [capítulo nove].” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 205.

No primeiro ano de Dario, que foi o terceiro e último ano de Belsazar, em 538 a.C., o Senhor puniu a terra dos caldeus e a tornou desolada.

E toda esta terra será uma desolação e um espanto; e estas nações servirão ao rei da Babilônia por setenta anos. E acontecerá que, quando se cumprirem setenta anos, eu punirei o rei da Babilônia e aquela nação, diz o Senhor, por sua iniquidade, e também a terra dos caldeus; farei dela desolações perpétuas. Jeremias 25:11, 12.

No versículo dez, o Senhor emprega a palavra “depois”, ao introduzir o castigo da Babilônia. “Depois” que a Babilônia for reduzida à desolação, o Senhor cumprirá a sua boa obra em favor do povo de Deus.

Porque assim diz o Senhor: Depois de cumpridos setenta anos na Babilônia, eu vos visitarei e cumprirei a minha boa palavra para convosco, fazendo-vos voltar a este lugar. Jeremias 25:10.

O cativeiro de setenta anos começou em 606 a.C.

“Começando os setenta anos em 606 a.C., Daniel compreendeu que eles estavam então se aproximando de seu término.” Uriah Smith, Daniel and the Revelation, 205.

O cativeiro de setenta anos começou em 606 a.C. e terminou em 536 a.C., o que foi dois anos após a morte de Belsazar e a desolação de Babilônia em 538 a.C. Era o terceiro ano de Ciro. Gabriel situa a profecia do rio Hidéquel no terceiro ano de Ciro e inicia a narrativa do capítulo onze fazendo referência ao primeiro ano de Dario, e, ao fazê-lo, está identificando dois anos específicos. 538 a.C. e 536 a.C. foram ambos tempos determinados: 538 a.C. foi o tempo determinado para que se concluísse a profecia dos setenta anos, e 536 a.C. foi o tempo profético determinado em que, “depois” de 538 a.C., o Senhor cumpriria Sua boa obra em favor de Seu povo.

538 a.C. e 536 a.C. são ambos tempos determinados, e são representados por duas figuras históricas: um foi o primeiro rei da Média e o segundo, o primeiro rei da Pérsia. O fim dos setenta anos em que Israel literal esteve cativo na Babilônia literal representou os mil duzentos e sessenta anos em que Israel espiritual esteve cativo na Babilônia espiritual, do ano 538 d.C. a 1798. 1798 foi um "tempo determinado", e então começou o período que é profeticamente identificado como o "tempo do fim". 538 a.C. e 536 a.C., que são representados como um "tempo determinado", também marcam o início de um período representado como "o tempo do fim".

“A igreja de Deus na Terra esteve, de fato, em cativeiro durante esse longo período de implacável perseguição, assim como os filhos de Israel foram mantidos cativos na Babilônia durante o período do exílio.” Profetas e Reis, 714.

Toda profecia se dirige mais especificamente aos últimos dias do que aos dias em que foi primeiramente cumprida; assim, 538 a.C. e o rei Dario, juntamente com 536 a.C. e o rei Ciro, representam o “tempo do fim” em 1989, e os dois reis prefiguram o Presidente Reagan e o Presidente Bush, o primeiro. 538 a.C. e 536 a.C. representam uma baliza que se cumpre, sendo ambas as datas entendidas como representando a única baliza. A baliza do “tempo do fim” consiste em dois símbolos, e às vezes, como no caso de Reagan e Bush, o primeiro, ambos os símbolos se cumprem no mesmo ano. Mas isso é a exceção à regra, pois a baliza do “tempo do fim” no tempo de Moisés foi o nascimento tanto de Arão quanto de Moisés, os quais foram separados por três anos. Na história de Cristo, foi o nascimento de João Batista e de Cristo, os quais foram separados por seis meses.

Quanto ao "tempo do fim", na história do anticristo, as datas foram 1798 e 1799. A Revolução Francesa é tema de profecia, e começou em 1789, durando dez anos e terminando em 1799, no seu tempo determinado, assim como 1798 foi um tempo determinado. Em conjunto, identificam a ferida mortal infligida à besta e também a mulher que montava e reinava sobre a besta. Dario foi o rei que derrotou seu inimigo enviando seu exército através da "muralha", e ele representa Reagan, que derrotou seu inimigo derrubando o muro da "Cortina de Ferro". Ciro representa Bush, o

primeiro, pois Ciro é conhecido como Ciro, o Grande, e George Bush, o primeiro, é Bush, o maior, e Bush, o último, é Bush, o menor.

Porque esses dois reis e as duas datas que eles representam são, na verdade, um único símbolo. Um marca os setenta anos em que Babilônia dominaria. Esse período de setenta anos alcançou o seu tempo determinado em 538 a.C. e é representado por Dario. A conclusão do cativo de setenta anos alcançou o seu tempo determinado em 536 a.C. e é representada por Ciro. Juntos, eles representam o “tempo do fim”, quando a luz profética seria deslacrada. Em 1798, o primeiro anjo de Apocalipse catorze chegou ao “tempo do fim”, e a irmã White diz que esse anjo “era ninguém menos que Jesus Cristo”.

No terceiro ano de Ciro, Miguel, o príncipe do povo de Deus e o arcanjo dos anjos, desceu para se encontrar com Ciro e confirmar a luz que levaria Ciro a promulgar o primeiro de três decretos que permitiriam ao povo de Deus voltar a Jerusalém e reconstruir a cidade, o santuário, as ruas e as muralhas. Esse trabalho tipificou a obra do primeiro e do segundo anjo, que começou no "tempo do fim" em 1798.

A descida de Miguel no tempo do fim, nos dias de Dario e Ciro, representou a chegada do primeiro anjo em 1798, e, juntos, eles marcam a chegada do mesmo anjo, no “tempo do fim”, em 1989. 1989 iniciou o período do “tempo do fim”, e foi também um tempo determinado. Um tempo determinado identifica o término de um período profético. A rebelião de 1863, no primeiro “Kadesh” para o Israel espiritual moderno, foi o início de um período de cento e vinte e seis anos que terminou no “tempo determinado” em 1989. Cento e vinte e seis é um dízimo, ou um décimo, de mil duzentos e sessenta, e, no fim de mil duzentos e sessenta anos, em 1798, o movimento do primeiro anjo entrou na história. No fim de cento e vinte e seis anos, em 1989, o movimento do terceiro anjo entrou na história.

No versículo 1 do capítulo onze de Daniel, Gabriel é cuidadoso e preciso em sua identificação de que a história representada começa com Ciro, no tempo do fim em 1989. Ciro, o Grande, ali representa Bush, o maior, que seria seguido por três reis, e então um quarto rei, que seria muito mais rico do que todos eles. Assim, o quarto rei rico, que incita toda a Grécia, é o sexto presidente desde 1989.

Nos eventos do capítulo dez, Daniel é apresentado como de luto, e em sua experiência de luto ele é transformado à imagem de Cristo, ao contemplar a visão. O período de vinte e um dias de luto representa um período de morte que se conclui com uma ressurreição. No capítulo dez, Miguel desceu do céu, e em Judas 7, quando Ele desce, Ele ressuscita Moisés. No capítulo onze do Apocalipse, Moisés (e Elias) foram mortos e estão mortos na rua por três dias e meio simbólicos. Então Moisés (junto com Elias) são ressuscitados por "uma grande voz".

E, depois de três dias e meio, o Espírito de vida vindo de Deus entrou neles, e puseram-se de pé; e grande temor caiu sobre os que os viram. E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem; e os seus inimigos os viram. Apocalipse 11:11, 12.

A "grande voz" que ressuscita é a voz do arcanjo, e o arcanjo é Miguel.

Porque o próprio Senhor descera do céu com um brado, com a voz do arcanjo e ao som da trombeta de Deus; e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro. 1 Tessalonicenses 4:16.

A história em que Moisés e Elias são mortos e ressuscitados é a história do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. Essa história começou em 11 de setembro de 2001 com a “primeira voz” do anjo de Apocalipse dezoito, a qual a Irmã White identifica como chegando quando os grandes edifícios da cidade de Nova York foram derrubados. A “segunda voz” de Apocalipse, capítulo dezoito, soa na lei dominical prestes a vir, quando o outro rebanho de Deus é chamado para fora de Babilônia. É nessa história, a história do selamento, que Daniel é representado como sendo transformado à imagem de Cristo ao contemplar a visão “marah”, que é a expressão feminina da visão “mareh”. É a visão “causativa”, que “faz com que” a imagem contemplada seja reproduzida naqueles que a contemplam.

Essa história do selamento e da transformação de Daniel no capítulo dez inclui a descida de Miguel, quando Ele ressuscita e transforma aqueles representados por Moisés, Elias e Daniel. Ele realiza a ressurreição com a "grande voz" do arcanjo, provendo assim uma terceira "voz", no meio da primeira e da última vozes, que são ambas iguais, pois ambas são a voz do capítulo dezoito do Apocalipse. A voz do meio é onde a rebelião é representada, pois, quando Miguel ressuscitou Moisés, ele não discutiu com Satanás, embora Satanás, o autor da rebelião, estivesse ali para protestar.

Todavia, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou proferir contra ele uma acusação injuriosa, mas disse: O Senhor te repreenda. Judas 7.

O início do tempo do selamento, que começou em 11 de setembro de 2001 e termina na lei dominical que em breve virá, está assinalado com a assinatura da “Verdade”, pois, no meio desse período, em julho de 2023, a grande voz do arcanjo começou a obra de ressuscitar os mortos em Cristo, os quais escolhem ouvir Sua voz média. Note que 2023 vem vinte e dois anos após 2001, e vinte e dois é a décima parte de duzentos e vinte, que é o símbolo do vínculo entre a Divindade e a humanidade, e também é um símbolo de restauração.

Em julho de 2023, o anjo poderoso, que não é menos do que a própria pessoa de Jesus Cristo, e que é a Verdade, que também é Miguel, e que é o Alfa e Ômega, desce com uma mensagem em Sua mão. O livrinho em Sua mão é a porção de Daniel que estava selada até os últimos dias.

"No Apocalipse, todos os livros da Bíblia se encontram e se encerram. Aqui está o complemento do livro de Daniel. Um é uma profecia; o outro, uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas aquela porção da profecia de Daniel relativa aos últimos dias. O anjo ordenou: 'Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até o tempo do fim.' Daniel 12:4." Atos dos Apóstolos, 585.

A parte da profecia de Daniel que diz respeito aos últimos dias é o capítulo onze. Trata-se dos últimos seis versículos do capítulo onze, mas, mais especificamente, são as histórias contidas no

capítulo que se repetem nesses últimos seis versículos.

“Não temos tempo a perder. Tempos angustiosos estão diante de nós. O mundo está agitado com o espírito de guerra. Em breve ocorrerão as cenas de tribulação mencionadas nas profecias. A profecia no capítulo onze de Daniel já quase alcançou seu cumprimento completo. Muito da história que se cumpriu em cumprimento dessa profecia será repetido.” Manuscript Releases, número 13, p. 394.

O versículo dezesseis do capítulo onze de Daniel ilustra uma história que se repete no versículo quarenta e um, pois, nele, o rei do norte está na terra gloriosa. A história do versículo dezesseis indica quando o general romano Pompeu levou Judá e Jerusalém ao cativeiro.

Mas aquele que vier contra ele fará conforme a sua vontade, e ninguém subsistirá diante dele; e estará na terra gloriosa, a qual por sua mão será consumida. Daniel 11:16.

Pretendo usar este versículo como âncora para a nossa consideração dos versículos que o precedem; por isso, apresentarei primeiro esta compreensão. Pretendemos mostrar que a história que se segue à fragmentação do reino de Alexandre, o Grande, nos versículos três e quatro, começa em 1989 e então identifica a atual Guerra da Ucrânia, a vitória de Putin sobre as forças do Ocidente e a subsequente derrota de Putin, o que conduz ao versículo dezesseis.

“Embora o Egito não pudesse resistir a Antíoco, o rei do norte, Antíoco não pôde resistir aos romanos, que então vieram contra ele. Nenhum reino era mais capaz de resistir a esse poder ascendente. A Síria foi conquistada e acrescentada ao império romano, quando Pompeu, em 65 a.C., privou Antíoco Asiático de suas possessões e reduziu a Síria a uma província romana.

“O mesmo poder também havia de estar na Terra Santa e consumi-la. Roma tornou-se ligada ao povo de Deus, os judeus, por aliança, em 161 a.C., desde cuja data ocupa um lugar proeminente no calendário profético. Contudo, não adquiriu jurisdição sobre a Judeia por conquista efetiva até 63 a.C.; e isso da seguinte maneira.”

No retorno de Pompeu de sua expedição contra Mitrídates, rei do Ponto, dois pretendentes, Hircano e Aristóbulo, disputavam a coroa da Judeia. Sua causa foi levada a Pompeu, que logo percebeu a injustiça das pretensões de Aristóbulo, mas quis adiar a decisão sobre o assunto até depois de sua tão desejada expedição à Arábia, prometendo então retornar e resolver seus assuntos conforme parecesse justo e apropriado. Aristóbulo, sondando os reais sentimentos de Pompeu, apressou-se de volta à Judeia, armou seus súditos e preparou uma defesa vigorosa, determinado, a todo custo, a manter a coroa, que antevia que seria atribuída a outro. Pompeu seguiu de perto o fugitivo. Quando Pompeu se aproximava de Jerusalém, Aristóbulo, começando a arrepender-se de sua conduta, saiu ao seu encontro e tentou acomodar a situação, prometendo total submissão e grandes somas de dinheiro. Pompeu, aceitando essa oferta, enviou Gabínio, à frente de um destacamento de soldados, para receber o dinheiro. Mas, quando esse tenente-general chegou a Jerusalém, encontrou os portões fechados contra ele e foi informado, do alto dos muros, que a cidade não cumpriria o acordo.

Pompeu, para não ser enganado impunemente dessa maneira, pôs Aristóbulo, que mantivera consigo, em grilhões e marchou imediatamente contra Jerusalém com todo o seu exército. Os

partidários de Aristóbulo eram pela defesa da praça; os de Hircano, por abrir as portas. Estando estes em maioria, e prevalecendo, foi franqueada a Pompeu a entrada na cidade. Diante disso, os aderentes de Aristóbulo retiraram-se para o Monte do Templo, tão decididos a defender aquele lugar quanto Pompeu a reduzi-lo. Ao fim de três meses, foi aberta uma brecha na muralha, suficiente para um assalto, e a praça foi tomada à ponta da espada. Na terrível mortandade que se seguiu, doze mil pessoas foram mortas. Foi um espetáculo comovente, observa o historiador, ver os sacerdotes, empenhados naquele momento no serviço divino, com mão serena e propósito firme prosseguirem o seu trabalho habitual, aparentemente inconscientes do tumulto furioso, embora, à sua volta, seus amigos fossem passados ao fio da espada, e embora muitas vezes o seu próprio sangue se misturasse com o dos seus sacrifícios.

Tendo posto fim à guerra, Pompeu demoliu as muralhas de Jerusalém, transferiu várias cidades da jurisdição da Judeia para a da Síria e impôs tributo aos judeus. Assim, pela primeira vez, Jerusalém foi colocada, por conquista, nas mãos daquele poder que haveria de manter a “terra gloriosa” em sua mão de ferro até consumi-la por completo. Uriah Smith, Daniel e o Apocalipse, 259, 260.

Continuaremos este estudo em nosso próximo artigo.

O fato de não haver controvérsia nem agitação entre o povo de Deus não deve ser considerado evidência conclusiva de que estão apegados à sua doutrina. Há razão para temer que talvez não estejam discernindo claramente entre a verdade e o erro. Quando nenhuma nova questão é suscitada pela investigação das Escrituras, quando não surge divergência de opinião que leve os homens a buscar na Bíblia por si mesmos para se certificarem de que possuem a verdade, haverá muitos agora, como nos tempos antigos, que se apegarão à tradição e adorarão o que não conhecem.

Foi-me mostrado que muitos que professam ter conhecimento da verdade presente não sabem no que creem. Não compreendem as evidências de sua fé. Não têm uma justa apreciação da obra para o tempo presente. Quando vier o tempo de prova, haverá homens que agora pregam aos outros que, ao examinarem as posições que sustentam, descobrirão que há muitas coisas para as quais não podem dar razão satisfatória. Até serem assim provados, não conheciam sua grande ignorância. E há muitos na igreja que dão por certo que entendem o que creem; mas, até que surja controvérsia, não conhecem a própria fraqueza. Quando separados daqueles de igual fé e compelidos a ficar a sós para explicar sua crença, ficarão surpresos ao ver quão confusas são suas ideias acerca daquilo que haviam aceitado como verdade. É certo que tem havido entre nós um afastamento do Deus vivo e um voltar-se para os homens, colocando a sabedoria humana no lugar da divina.

“Deus despertará o Seu povo; se outros meios falharem, heresias surgirão entre eles, as quais os peneirão, separando o joio do trigo. O Senhor conclama todos os que creem em Sua palavra a despertarem do sono. Preciosa luz tem vindo, apropriada para este tempo. É a verdade bíblica, mostrando os perigos que estão justamente sobre nós. Essa luz deve levar-nos a um diligente estudo das Escrituras e a um exame o mais criterioso das posições que sustentamos. Deus quer que todos os aspectos e posições da verdade sejam investigados completa e perseverantemente, com oração e jejum. Os crentes não devem repousar em

suposições e ideias mal definidas acerca do que constitui a verdade. Sua fé deve estar firmemente fundada na palavra de Deus, para que, quando vier o tempo de prova e forem levados perante concílios para responder por sua fé, possam estar aptos a dar a razão da esperança que neles há, com mansidão e temor.”

“Agitai, agitai, agitai. Os assuntos que apresentamos ao mundo devem ser, para nós, uma realidade viva. É importante que, ao defender as doutrinas que consideramos artigos fundamentais da fé, jamais nos permitamos empregar argumentos que não sejam inteiramente sólidos. Estes podem servir para silenciar um opositor, mas não honram a verdade. Devemos apresentar argumentos sólidos, que não somente silenciem os nossos oponentes, mas também suportem o exame mais rigoroso e minucioso. Entre os que se educaram como debatedores há grande perigo de que não lidem com a palavra de Deus com equidade. Ao enfrentar um oponente, deve ser nosso sincero esforço apresentar os assuntos de tal maneira que despertem convicção em sua mente, em vez de procurar meramente dar confiança ao crente.”

Seja qual for o avanço intelectual do homem, não pense, nem por um momento, que não há necessidade de um estudo diligente e contínuo das Escrituras em busca de maior luz. Como povo, somos chamados individualmente a ser estudantes da profecia. Devemos vigiar com empenho para que possamos discernir qualquer raio de luz que Deus nos apresente. Devemos captar os primeiros lampejos da verdade; e, mediante estudo acompanhado de oração, pode-se obter luz mais clara, a qual pode ser apresentada a outros.

"Quando o povo de Deus está à vontade e satisfeito com sua iluminação atual, podemos ter certeza de que Ele não o favorecerá. É Sua vontade que esteja sempre avançando, para receber a luz maior e sempre crescente que está brilhando para ele. A atitude atual da igreja não é agradável a Deus. Introduziu-se uma autoconfiança que a levou a não sentir necessidade de mais verdade e maior luz. Vivemos numa época em que Satanás trabalha à direita e à esquerda, diante e atrás de nós; e, no entanto, como povo, estamos adormecidos. Deus quer que se ouça uma voz despertando Seu povo para a ação." Testemunhos, volume 5, 707, 708.